

UMA HISTÓRIA SOCIAL DAS RELAÇÕES HOMEM-NATUREZA

META

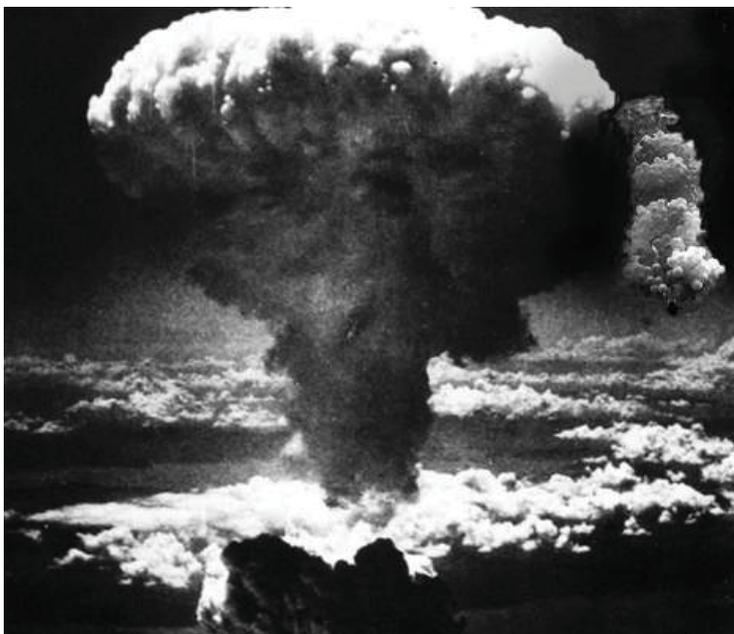
Proporcionar um maior entendimento acerca da crise ambiental global e a compreensão de que existem formas distintas de relação homem-natureza.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
perceber que as sociedades só despertaram para uma “consciência ecológica” a partir da percepção das consequências da devastação ambiental.

PRÉ-REQUISITOS

Ter assimilado o conteúdo da Aula 2 e assistido o filme “A Guerra do Fogo”.



Na década de 40, com a grande primeira guerra, foi lançada a bomba atômica sobre o Japão, causando efeitos devastadores na natureza e na população.
(Fontes: <http://admrbadran.files.wordpress.com>).

Crise ambiental

A crise ambiental tem como características principais a contaminação da biosfera e da atmosfera pelos resíduos das atividades produtivas e de consumo, a extinção de espécies vegetais e animais, a alteração das paisagens, o esgotamento de minérios e das fontes de energia, constitui um fenômeno recente. É derivada da insustentabilidade dos padrões de produção e de consumo criados pela sociedade industrial e que não parou de expandir-se desde a segunda metade do século XVIII até os dias de hoje.” (MARTINEZ, 2006, p. 52-53).

INTRODUÇÃO

“Não há essência humana, não há um único homem: antes, o ser humano se construiu, historicamente, de muitas maneiras.” (DUARTE, 2005, p. 76)

Querido aluno/querida aluna,

Neste nosso terceiro encontro, gostaria que você percebesse que a **crise ambiental** é o capítulo mais recente de uma longa história de uso e exploração dos recursos naturais. Este processo ainda encontra-se em andamento, uma vez que as sociedades humanas continuam exercendo pressão crescente sobre os recursos naturais, provocando desequilíbrios ambientais e sociais em escala global.

O século XX testemunhou o desenvolvimento de uma sociedade cuja população torna-se cada vez mais numerosa, consumista e interconectada. O resultado disto é que as atividades humanas estão produzindo mudanças sem precedentes na biosfera, tendo alcançado, ou mesmo excedido seus limites (CAMARGO, 2003).

A interação homem-natureza, pela sua tamanha complexidade, torna impossível mensurar as consequências da ação humana. As mudanças ambientais globais decorrentes desta ação podem ocorrer muito depressa, de forma a desafiar nossa capacidade de reconhecê-las, compreender suas implicações e respondê-las a tempo.



Foto do Touro de Wall Street, representação emblemática da força e ferocidade do sistema capitalista. (Fonte: <http://dealbreaker.com>).

A CRISE AMBIENTAL GLOBAL

Com as constantes descobertas científicas, têm-se a impressão de que avanços tecnológicos têm a capacidade ilimitada de corrigir todos os eventuais danos do planeta. Esta, porém, não é a realidade que temos presenciado.

Para que você, cara aluna, prezado aluno, entenda melhor a problemática aqui exposta, veja o quadro abaixo que compila historicamente os principais acidentes ambientais do século XX:

Década de 1940	Efeitos devastadores da Segunda Guerra Mundial, culminando como o lançamento de duas bombas atômicas sobre o Japão.
	A partir de 1945 (e até 1945), são anunciadas 423 detonações nucleares que ocorrem nos Estados Unidos, na União Soviética, na Grã-Bretanha e na França.
Década de 1950	1952 - chuva de granizo com características de presença de radioatividade ocorre na Austrália, a menos de três mil quilômetros dos testes nucleares realizados na Inglaterra.
	1953 - chuva ácida em Nova York, tendo como provável causa testes nucleares no deserto de Nevada.
	1954 - teste com a bomba de hidrogênio nos Estados Unidos, realizado no Pacífico Ocidental, contamina 18 mil quilômetros quadrados de oceano em decorrência da nuvem radioativa de cerca de 410 quilômetros de extensão e 75 quilômetros de largura. Ocorre a contaminação de peixes e pescadores. Esse episódio gerou campanha extensa de repúdio a testes nucleares, com participação inclusive de Albert Einstein e do Papa Pio XII.
	1956 - são registrados casos de disfunções neurológicas em famílias de pescadores e em gatos e aves que se alimentavam de peixes da baía de Minamata, no Japão. A contaminação vinha ocorrendo desde 1939, quando uma indústria química lá se instalou. Altas concentrações de mercúrio são encontradas em peixes e moradores, que morrem em virtude da chamada “Doença de Minamata”. Desastres similares são observados em vários outros locais no Japão, gerando mais de 450 campanhas antipoluição no país até 1971.
Década de 1960	1967 - ocorre o naufrágio de petroleiro Torrey Canyon, na Inglaterra, com derramamento de óleo de grandes proporções.
	1969 - ocorre mais de mil derramamentos (de pelo menos 100 barris) de petróleo em águas americanas.
Década de 1970	1976 - desastre industrial em Seveso, na Itália, em uma fábrica de pesticidas, ocorrendo liberação de dioxina.
	1977 - acidente em estação de tratamento de esgoto nos Estados Unidos, com contaminação por hexaclorociclopeno.

Década de 1980	1980 - são detectados casos de problemas pulmonares, anomalias congênitas e abortos espontâneos em moradores de Cubatão, no Brasil, em decorrência do elevado nível de poluição atmosférica.
	1984 - em Cubatão, no Brasil, duas explosões e o incêndio por vazamento de gás causam a morte de 150 pessoas em Vila Socó.
	1984 - acidente com gás liquefeito de petróleo no México causa a morte de 500 pessoas e deixa quatro mil feridas. O acidente ficou conhecido como “México City”: O dia em que o céu pegou fogo.
	1984 - vazamento de 25 mil toneladas de isocianato de metila, ocorrido em Bhopal, na Índia, causa a morte de três mil pessoas e a intoxicação de mais de 200 mil.
	1986 - acidente na Usina de Chernobyl, na então URSS. O incêndio de um reator nuclear lança na atmosfera um volume de radiação cerca de 30 vezes maior do que a bomba de Hiroshima. A radiação espalha-se, atingindo vários países. Há previsão de que cerca de 100 mil pessoas sofrerão danos genéticos ou câncer nos 100 anos seguintes ao acidente
	1986 - acidente na Suíça, com derramamento de 30 toneladas de pesticidas no rio Reno, deixando 193 quilômetros do rio sem vidas.
	1987 - acidente com material radioativo Césio-137 em Goiânia, no Brasil, quando uma cápsula de Césio-137 desaparece do Instituto Goiano de Radioterapia e é vendida a um ferro-velho como sucata. Causa a morte de quatro pessoas e hoje se acredita que o número de pessoas que morreram ou adoeceram por causa do acidente tenha sido bem maior.
	1989 - o petroleiro Exxon Valdez derrama no Alasca 40 mil metros cúbicos de petróleo. No acidente morrem aproximadamente 260 mil aves, entre outras espécies de animais. Até hoje são estudadas as consequências do acidente sobre a fauna e a flora marinhas da região.
Década de 1990	1991 - durante a Guerra do Golfo, o Iraque incendeia mais de 700 poços de petróleo no Kuwait, que queimam durante meses. Foi o maior derramamento de petróleo da história, cerca de 25 vezes a quantidade derramada pelo Exxon Valdez
	1993 - o petroleiro Braer derrama óleo nas Ilhas Shetland no Reino Unido, numa quantidade duas vezes maior do que o Exxon Valdez.
	Repetidos derramamentos de óleo no Brasil, pela Petrobrás.

Fonte: Baseado em Ambiente Global (2001)

Estes são apenas alguns exemplos de acidentes ocorridos no século XX, mas o século XXI já nos reservou outros mais. No entanto, Ana Luiza de Brasil Camargo (2003) destaca que já podemos vislumbrar aspectos positivos relacionados à reação e evolução pessoal e coletiva acerca do processo de crise ambiental global, que vem se revelando desde a segunda metade do século XX.

Podemos dizer que a maior evidência disto é o gradativo despertar das recentes gerações acerca dos problemas ambientais. As duas grandes guer-

ras causaram mudanças de valores, gerando reações contra a degradação ambiental que podem ser chamadas de revolução ambiental, dada a sua abrangência. Tal expansão acabou por se constituir num novo movimento social e histórico denominado movimento ecológico.

Vamos tentar entender como este processo evoluiu ao longo do tempo.

No Brasil, em 1934, é realizada a 1ª Conferência Brasileira de Proteção à Natureza, no Rio de Janeiro. Organizada pela Sociedade dos Amigos das Árvores, denunciava a devastação das florestas brasileiras e tinha como pauta a defesa dos monumentos naturais, ou seja, a fauna e a flora. Este evento contribuiu para a elaboração do Código Florestal de 1934 e influenciou na legislação referente ao patrimônio histórico e artístico nacional em 1937. Em 1958, foi criada no Rio de Janeiro a Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, que tinha como objetivo principal a luta pela preservação da fauna e da flora de espécies ameaçadas (Viola, 1991).

Em 1960, ocorre a criação de diversas **ONGs**, e neste período dois eventos merecem destaque: a criação do Clube de Roma (importante na discussão dos problemas ambientais) e a expansão dos movimentos sociais, notadamente dos estudantes, voltados para assuntos ambientais. Outro momento relevante foi a publicação do livro Primavera Silenciosa (Silent Spring) em 1962 nos Estados Unidos, no qual a bióloga Rachel Carson procurou demonstrar os efeitos desastrosos a médio e longo prazo do uso maciço de pesticidas na agricultura após a Segunda Guerra Mundial. Data ainda desta década a criação da WWF (World Wildlife Fund), uma organização internacional de luta pela preservação da vida selvagem.

ONGs

As ONGs são organizações que objetivam não apenas a satisfação das necessidades de determinados grupos da sociedade, mas também, e especialmente, mudanças globais através da influência política. Fonte: <http://www.faac.unesp.br>.

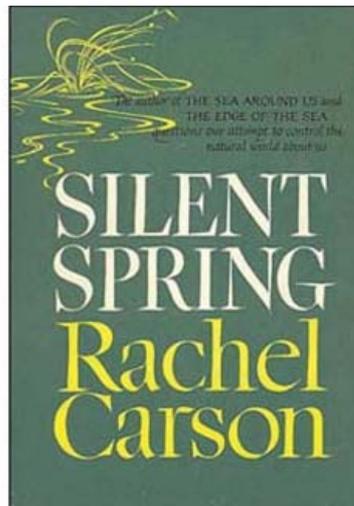


Foto de Rachel Carson e de seu livro Primavera Silenciosa.
(Fonte: <http://earthfirst.com>).

Logomarca da WWF.
(Fonte: <http://www.fsc.org.br>).

Baía de Minamata

Por mais de 20 anos, a partir de 1932, a companhia química Chisso despejou grandes quantidades de mercúrio na baía de Minamata, Japão. Acumulando-se nos peixes e crustáceos consumidos pelos pescadores locais, o metal provocou doenças e deformidades genéticas. Disponível em: <http://antesquea-naturezamorra.blogspot.com>.

Desenvolvimento Sustentável

É o desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações. É o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro. Fonte: <http://www.wwf.org.br>.

Os anos 1970 foram marcados por três momentos relevantes. O primeiro deles foi a iniciativa do Clube de Roma através do relatório “Os Limites do Crescimento”, cujo intuito foi demonstrar as possíveis consequências da exploração do meio ambiente, defendendo o crescimento zero, o que acabou gerando críticas por limitar as possibilidades de desenvolvimento dos países pobres. Neste relatório, foram apontados cinco fatores determinantes e/ou limitadores do crescimento: população, produção agrícola, recursos naturais, produção industrial e poluição (Theodoro, 2005).

O segundo momento foi a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, realizada em Estocolmo (1972). Este evento – resultante de apelos da Suécia por conta do desastre na **Baía de Minamata** – oficializou uma preocupação internacional sobre os problemas ambientais. Um dos fatos de grande relevância decorrente da Conferência de Estocolmo foi a criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA). Este novo órgão da ONU passou a atuar no sentido de buscar o equilíbrio entre os interesses das nações e a preservação global (Duarte, 2005).



Logomarca do PNUMA
(Fonte: <http://images.google.com>).



Logomarca da ONU
(Fonte: <http://images.google.com.br>).



Fotos de crianças afetadas pela poluição da Baía de Minamata.
(Fonte: <http://2.bp.blogspot.com>).

Cúpula da Terra

Conhecida mundialmente como Rio 92, a conferência foi a maior reunião de chefes de Estado da história da humanidade com a presença de cerca de 117 governantes de países tentando buscar soluções para o desenvolvimento sustentável das populações mais carentes do planeta. O evento foi acompanhado por todo o mundo e contou com a participação da sociedade civil organizada. Cerca de 22 mil pessoas, pertencentes a mais de 9 mil organizações não-governamentais, estiveram presentes nos dois principais eventos da Conferência: a reunião de chefes de Estado, Cúpula da Terra, e o Fórum Global, promovido pelas ONGs. Disponível em: <http://rpc.br.tripod.com>.

O terceiro acontecimento relevante deste período foi o surgimento da “ecologia profunda”, um misto de escola filosófica e movimento popular global, que introduziu uma nova maneira de perceber o mundo e os problemas ambientais. Corrente próxima do ecoanarquismo, questionava se a sociedade precisa realmente consumir tantos recursos naturais. É nesta corrente que se inspira a ONG Greenpeace, maior organização ambiental do mundo, responsável em grande parte pela disseminação e popularização das questões ambientais (Bernardes e Ferreira, 2003).

No final da década de 1970, surgiram grupos dedicados a denunciar casos de degradação urbana. Ganha destaque ainda o movimento ambientalista contra a construção de usinas nucleares e contra o uso indiscriminado de agrotóxicos.

Em 1987, foi publicado o relatório “Nosso Futuro Comum” (Our Common Future) elaborado pela Comissão Brundtland, criada pela ONU. Tinha por objetivo propor estratégias para o **Desenvolvimento Sustentável** e, entre outras considerações, afirmou que para a resolução dos problemas de poluição e pobreza dos países do Terceiro Mundo era necessário promover o crescimento econômico aliado à ideia de preservação (Duarte, 2005).

Em 1989, a Assembléia Geral da ONU confirma a realização de uma conferência sobre meio ambiente e desenvolvimento no Brasil. Esta conferência – conhecida como Rio 92, Eco 92 ou **Cúpula da Terra** – chamou a atenção do mundo para a necessidade de uma aliança entre os povos para uma sociedade sustentável. Nesta ocasião, entre outros documentos, foi aprovada a “Agenda 21”, um programa de trabalho para o século XXI voltado para o desenvolvimento e o meio ambiente do planeta. A Agenda 21 constitui-se numa espécie de manual para orientar as nações na transição para uma nova concepção de sociedade. As ONGs reunidas comprometeram-se ainda, com a elaboração das Agendas 21 locais e regionais.

A Conferência de Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO 92) foi a grande marca da internacionalização definitiva da proteção ambiental e das questões ligadas ao desenvolvimento, criando elementos importantes como a Agenda 21 e o Fundo Global para o Meio Ambiente, do Banco Mundial (FERREIRA, 2003).



Logomarca da Rio92
(Fonte: <http://images.google.com.br>).

Os anos 1990 foram marcados ainda pelo surgimento da gestão ambiental. Temos, então, a emergência da adequação do empresariado aos novos padrões de competitividade global, através dos sistemas de certificação ambiental exigidos internacionalmente.

Atualmente, tem aumentado a tendência de participação dos diversos atores sociais envolvidos com a gestão dos recursos naturais (ONGs, instituições financeiras internacionais, governos) na formulação e execução de políticas ambientais.

As iniciativas recentes caminham rumo à integração entre políticas e gestão ambiental, incluindo a política dos recursos hídricos e gestão de bacias hidrográficas e de reservas extrativistas. Cunha e Coelho (2003) afirmam que é preciso superar a forma fragmentada e setorializada de elaboração e execução das políticas ambientais no Brasil.

Jacobi (2003) aponta três fatores que contribuíram para que o tema do desenvolvimento econômico fosse incorporado ao discurso ambiental: o agravamento da crise econômica; a aproximação do movimento ambientalista com outros movimentos sociais; e o relatório “Nosso Futuro Comum”. É nesse contexto que diversos países do mundo vão se voltar para a elaboração da “Carta da Terra”, com o objetivo de promover um diálogo mundial em torno da promoção de uma aliança global em respeito à Terra e à vida.

Com o lançamento oficial da Carta da Terra em junho de 2000, buscou-se estabelecer uma base ética sólida para a sociedade global emergente e ajudar na construção de um mundo sustentável baseado no respeito à natureza, aos direitos humanos universais, à justiça econômica e uma cultura de paz.

Percebemos, portanto, a partir deste breve histórico da evolução da consciência ecológica, que a percepção das pessoas com relação à necessidade de preservação da natureza evoluiu gradativamente nas últimas décadas. Entretanto, se faz necessário considerar que dentre os diversos movimentos ambientalistas existem concepções distintas de natureza.

Porto-Gonçalves (1989) chama a atenção para o fato de que, no Ocidente, predominam duas vertentes. À primeira delas pertencem aqueles que vêem a natureza como um ambiente de luta, de hostilidade, selvagem. Já a segunda concebe uma visão romântica, entendendo a natureza como bondosa e harmônica, sendo o homem aquele que quebra o equilíbrio. A crítica que se faz a essas duas visões sobre a natureza é que em ambas o homem está fora delas.

Leia com atenção o texto abaixo, que é parte do documento elaborado pelo Comitê Intertribal “Memória e Ciência Indígena”. Procure perceber nele a preocupação, entre outras coisas, com a perpetuação da memória e a preservação da natureza.

CARTA DA TERRA
CONFERÊNCIA MUNDIAL DOS POVOS INDÍGENAS SOBRE
TERRITÓRIO, MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO -
RIO-92

Apoio

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O
DESENVOLVIMENTO

COMITÊ INTERTRIBAL - MEMÓRIA E CIÊNCIA INDÍGENA
HISTÓRICO

Nossos antepassados sempre nos ensinaram a sermos verdadeiros e corajosos, quando queremos vencer desafios e sermos respeitados. Por isso, quando a ONU decidiu realizar a RIO-92, vários indígenas componentes do Comitê Intertribal - 500 Anos de Resistência, responsável pela articulação no Brasil, idealizaram e decidiram concretizar a Conferência Mundial dos Povos Indígenas sobre Território, Meio Ambiente e Desenvolvimento.

Não bastava apenas ajuntar nossos líderes, era preciso que a nossa voz fosse ouvida pelo homem moderno, preocupado com seu futuro. Assim, rebuscando a luta de outros líderes do passado e a iniciativa de 15 estudantes-índios que, em 1980, desafiaram critérios pré-estabelecidos e criaram o primeiro movimento político no Brasil, a UNIND (União das Nações Indígenas), era preciso também na ECO-92 arriscar para que pudéssemos caminhar com nossas próprias pernas.

Então sete povos do Alto Xingu - MT e o povo Tukano do Amazonas construíram a Kari-Oca, um templo para abrigar a sabedoria indígena e traduzir um verdadeiro parlamento para a Terra. Uma arquitetura e engenharia que não se aprende nas escolas urbanas, mas certamente numa longínqua aldeia na selva. Plantada como folclore, mas pra nós, um código de vida jamais decifrado pelo homem branco.

Um criminoso incêndio, porém, acabou com a Kari-Oca, mas não acabou com o sonho indígena de termos a terra assegurada, de viver com dignidade e de contribuir com o bem estar da humanidade, que vive graves crises sociais e ambientais.

Por isso a Declaração da Kari-Oca e a Carta da Terra são documentos históricos que devem ser registrados como documentos oficiais pelos governos e pela sociedade. Nós consideramos assim, afinal foi inspirada na nossa magia de bem viver e na íntima relação espiritual, cultural e física com a natureza, um cotidiano que nos permitiu resistir às várias pressões de “integração” e “desenvolvimento consumista”.

Marcos Terena - Coordenador Geral

DECLARAÇÃO DA ALDEIA KARI-OCA



Foto de índio Kari-oca.
(Fonte: <http://www.agenciatextual.com.br>).

Nós, Povos Indígenas das Américas, Ásia, África, Austrália, Europa e Pacífico, unidos em só voz na Aldeia Kari-Oca, expressamos a nossa gratidão coletiva aos povos indígenas do Brasil.

Inspirados por este encontro histórico, celebramos a unidade espiritual dos povos indígenas com a Terra e nossos antepassados.

Continuamos construindo e formulando nosso compromisso mútuo de salvar a nossa mãe Terra.

Nós, Povos Indígenas, apoiamos como nossa responsabilidade coletiva para que nossas mentes e nossas vozes continuem no futuro, a seguinte Declaração:

Nós, Povos Indígenas, caminhamos em direção ao futuro nas trilhas dos nossos antepassados.

Do maior ao menor ser vivente, das quatro direções do ar, da água, da terra e das montanhas, o Criador colocou a nós, povos indígenas, em nossa terra, que é nossa mãe.

As pegadas de nossos antepassados estão permanentemente gravadas

nas terras de nossos povos.

Nós, Povos Indígenas, mantemos nossos direitos inerentes à autodeterminação. Sempre tivemos o direito de decidir as nossas próprias formas de governo, de usar nossas próprias leis, de criar e educar nossos filhos, direito a nossa própria identidade cultural sem interferências.

Continuamos mantendo nossos direitos inalienáveis a nossa terra e territórios, e a todos os nossos recursos do solo e do subsolo, e das nossas águas.

Afirmamos nossa contínua responsabilidade de passar todos esses direitos às gerações futuras. Não podemos ser desalojados de nossas terras. Nós, Povos Indígenas, estamos unidos pelo círculo da vida em nossas terras e nosso meio ambiente.

Nós, Povos Indígenas, caminhamos em direção ao futuro, nas trilhas dos nossos antepassados!

(Assinado na Aldeia Kari-Oca, Brasil, em 30 de maio de 1992)

CONCLUSÃO

Procuramos nesta terceira aula proporcionar um maior entendimento acerca da crise ambiental global, compreendendo que as formas da humanidade de se relacionar com o meio foram distintas ao longo da história.

Espero que você tenha percebido que somente a partir da percepção das consequências danosas da ação humana sobre o planeta é que as sociedades passaram a mobilizar-se, evoluindo gradativamente para uma ainda incipiente “consciência ecológica”.

RESUMO

A crise ambiental global é resultado da longa história de uso e exploração dos recursos naturais pelas diversas sociedades humanas. As mudanças decorrentes deste processo são singulares, uma vez que nunca antes ocorreram com tamanha magnitude e velocidade.

Na busca de responder a tempo à urgência das questões relacionadas ao meio ambiente, vários grupos ambientalistas se originaram com o intuito de alertar a humanidade. Estes alertas tornaram-se mais frequentes e ganharam maior visibilidade a partir dos anos 1960.

Vimos ainda que na percepção da maioria de nós, os homens não fazem parte da natureza, que geralmente é idealizada sob uma percepção contemplativa e exterior ao homem.





ATIVIDADES

Diante de tudo isto, quero fazer-lhe uma proposta, querido aluno/querida aluna. Pense rapidamente! Se eu pedisse para você fazer um desenho que representasse a sua ideia de natureza, o que você desenharia?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Muito provavelmente seu desenho traria uma bela paisagem, árvores, um córrego, flores, aves e, com certeza, um solzinho no canto da figura. Espero, meu caro aluno/minha cara aluna, que você tenha lembrado de que nós, seres humanos, também fazemos parte desse cenário, apesar da civilização urbano-industrial ter alterado de forma drástica boa parte dos ecossistemas do planeta.

Observe a letra traduzida da canção de Bob Thiele e George David Weiss, gravada originalmente por Louis Armstrong, transcrita abaixo. Em seguida, anote suas impressões sobre a mesma, considerando as visões de natureza presentes ao longo da história da humanidade.

WHAT A WONDERFUL WORLD / QUE MUNDO MARAVILHOSO

Eu vejo as árvores verdes, rosas vermelhas também
Eu as vejo florescer para nós dois
E eu penso comigo... que mundo maravilhoso
Eu vejo os céus azuis e as nuvens tão brancas
O brilho abençoado do dia, e a escuridão sagrada da boa noite
E eu penso comigo... que mundo maravilhoso
As cores do arco-íris, tão bonitas nos céus
Estão também nos rostos das pessoas que se vão
Vejo amigos apertando as mãos, dizendo: “como você vai?”
Eles realmente dizem: “eu te amo!”
Eu ouço bebês chorando, eu os vejo crescer
Eles aprenderão muito mais que eu jamais saberei
E eu penso comigo... que mundo maravilhoso
Sim, eu penso comigo... que mundo maravilhoso

PRÓXIMA AULA

Desenvolvimento x meio ambiente na história recente do Brasil.



REFERÊNCIAS

- BERNARDES, Júlia Adão; FERREIRA, Francisco P. de Miranda. Sociedade e Natureza. In: CUNHA, S. B. e GUERRA, A. J. T. (orgs.). **A Questão Ambiental: Diferentes Abordagens**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.
- CAMARGO, Ana Luiza de Brasil. **Desenvolvimento Sustentável: Dimensões e Desafios**. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- CUNHA, L. H. e COELHO, M. C. N. Política e Gestão Ambiental. In: CUNHA, S. B. e GUERRA, A. J. T. (orgs.) **A Questão Ambiental: Diferentes Abordagens**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.
- DUARTE, Regina Horta. **História e Natureza**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- FERREIRA, L. C. Desenvolvimento, Sustentabilidade e Políticas Públicas. In: **A Questão Ambiental – sustentabilidade e políticas públicas no Brasil**. São Paulo, Bomtempo Editorial, 2003, p. 101-109.
- JACOBI, Pedro. Movimento Ambientalista no Brasil: Representação Social e Complexidade da Articulação de Práticas Coletivas. In: RIBEIRO, Wagner Costa. **Patrimônio Ambiental Brasileiro**. São Paulo. Edusp: Imprensa Oficial, 2003. p. 519-543.
- MARTINEZ, Paulo Henrique. **História Ambiental no Brasil: pesquisa e ensino**. São Paulo: Cortez, 2006.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 1989.
- THEODORO, Suzi Huff (org.). **Mediação de Conflitos Socioambientais**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.